

Lagoa de oxidação polui Planaltina

Obra da Caesb castiga moradores com mosquitos e mau cheiro

FOTOS: JOAQUIM FIRMINO

Os moradores do Setor Sul de Planaltina estão revoltados com a Caesb, que há cerca de 10 anos construiu uma lagoa de oxidação no local. A lagoa foi desativada durante um ano, mas na segunda-feira voltou a encher, alarmando os moradores, que imaginavam estar livres do mau cheiro e dos mosquitos. Depois de criticarem, durante anos, a existência da lagoa "em área habitacional", os moradores apelam aos órgãos de saúde pública e de meio ambiente, na tentativa de solucionar o problema.

A história do Setor Sul e da lagoa de oxidação se confunde. Conforme Antonio Pinto de Oliveira, carpinteiro que mora há sete anos na Rua Cuiabá, a existência da lagoa é "uma falta de vergonha". Munido de uma planta de Planaltina, Antonio de Oliveira argumenta que a lagoa foi construída irregularmente, há cerca de 15 anos, na área reservada às quadras 167, 168, 169, 170 e parte da 172, próximas ao ribeirão São Bartolomeu.

Antonio Oliveira lembra que adquiriu o lote em 1958, assim como muitos outros moradores. Na época, não pôde construir a casa porque a prefeitura não liberava os documentos do terreno nem o alvará para construção. Em 1974 a lagoa foi construída. Mesmo assim, Antonio Oliveira decidiu construir a casa, pois já havia pago pelo lote.

Os moradores questionam, agora, a construção da lagoa no setor habitacional e reclamam das péssimas condições de vida no local, agravadas pela existência da lagoa. Segundo os moradores, o cheiro insuportável é sentido até por moradores de outros setores de Planaltina e, no período da tarde, a quantidade de moscas é inacreditável. "As mesas ficam praticamente pretas de tantas moscas que posam", conta a esposa de Antonio.

A família reside a 80 metros da lagoa, totalmente cercada por arame farpado e onde apenas uma placa

com os dizeres "Atenção. Lagoa de tratamento de esgoto. Água contaminada. Proibida a entrada" avisa sobre o perigo. "Na época das chuvas", conta Antonio, "todos os terrenos ficam inundados, uma mistura de esgoto e água da chuva". Outro problema sério para as cerca de 500 famílias (segundo estimativas da comunidade), é a falta de água encanada. A água consumida é retirada de poços artesanais.

EXPLORAÇÃO

As famílias residentes no lado esquerdo da lagoa de oxidação, todas com documentação dos lotes, são as que mais reclamam da atual situação, exigindo, também, melhorias para o Setor Sul. As famílias que ocupam o lado direito e as que construíram barracos entre a lagoa e o riacho São Bartolomeu, também chamado de Mestre D'Armas, dizem não se importar muito com a lagoa ou com o cheiro exalado. Na maioria dos casos, são famílias que invadiram lotes e "que fazem vista grossa aos reclames da administração regional" para que saiam do local.

Na área existente entre a lagoa e o riacho São Bartolomeu, a situação é peculiar. O chacareiro Paulo Melo se diz dono de uma área de aproximadamente 100 metros de comprimento e admite "ter vendido o direito de posse" a oito famílias. Paulo Melo comprova que explorou as famílias ao admitir que tem apenas os documentos da chácara onde vive, no outro lado do riacho. "Do lado de cá, é só direito de posse mesmo. Não tem papelada", diz.

Algumas famílias construíram o barraco há dois dias, a menos de 10 metros da lagoa, mas já começam a sentir o efeito da mudança. Embora a lagoa ainda esteja praticamente vazia, o mau cheiro chega aos terrenos onde o solo é úmido. Segundo Francisca Araújo, há dois anos residente no local, quando a lagoa está cheia, "a água suja mina dos terrenos".



Reservatório estava desativado há um ano, mas voltou a funcionar, infernizando a vida da comunidade